

**“UM SUPERMAN NEGRO QUE APOIA O  
APARTHEID”:  
A REVISTA MIGHTY MAN E O  
PROGRAMA DE PROPAGANDA DO  
GOVERNO SUL-AFRICANO  
(1975-1977)**

**“A BLACK SUPERMAN SUPPORTING APARTHEID”: THE  
MIGHTY MAN COMIC BOOK AND THE SOUTH AFRICAN  
GOVERNMENT'S PROPAGANDA PROGRAM (1975-1977)**

---

**RESUMO:** No fim da década de 1970, a primeira revista em quadrinhos com histórias de um super-herói negro sul-africano foi publicada em plena África do Sul sob regime de apartheid. Tratava-se da revista do Mighty Man, publicada pela editora Afri-comics, e compunha um programa de propaganda a favor do governo da minoria branca africânder no país. Neste artigo, a concepção e produção dessa revista são analisados à luz dos significados políticos desta empreitada para a sociedade sul-africana como um todo, considerando as dinâmicas de elaboração e execução de tal projeto, levado a cabo pelo poder político-estatal e sua contraparte empresarial privada.

**Júlio Nunes Sandes Martins**

**PALAVRAS-CHAVE:** Histórias em Quadrinhos; Propaganda; Apartheid; África do Sul.

---

**ABSTRACT:** At the end of the 1970s, the first comic book about a black South-african superhero was published in South Africa under the rule of apartheid. It was Mighty Man, published by Afri-comics. It was part of a pro-government propaganda program, in favor of white minority rule in the country. In this paper, Mighty Man's conception and production are analysed under the light of the political meanings of this entrepreneurship for the South-african society as a whole, considering the creation and execution process of such project, led by State political power and its private business counterpart.

**Editor-Gerente**  
[Ivaldo Marciano de França Lima](#)

**KEYWORDS:** Comic Books; Propaganda; Apartheid; South Africa.

## “UM SUPERMAN NEGRO QUE APOIA O APARTHEID”: A REVISTA MIGHTY MAN E O PROGRAMA DE PROPAGANDA DO GOVERNO SUL-AFRICANO (1975-1977)

Júlio Nunes Sandes Martins <sup>1</sup>

### Um super-herói negro em meio ao *apartheid*

A partir de setembro de 1975, as bancas de revista localizadas nos entornos das principais cidades sul-africanas passaram a ter nos seus varais de exibição de jornais e revistas um novo produto, que se tornaria contumaz pelos próximos dois anos: as revistas em quadrinhos do herói *Mighty Man*, publicadas pela editora *Afri-comics*.

Quadrinhos em si não eram novidade na República da África do Sul. <sup>2</sup> Desde a última década do século XIX, a circulação de publicações britânicas que continham tiras cômicas era comum aos sul-africanos alfabetizados em inglês. Em 1924, o jornal *Rand Daily Mail* publicou *Duggie, Lemmie & Hi-Ti*, de Henry Wider, tirinha protagonizada por um coelho, um lêmure e um corvo, direcionada para as crianças. Tratava-se da tirinha pioneira no país. A partir de então, as tirinhas começaram a se espalhar entre os jornais da mesma língua – inicialmente, com periodicidade irregular, mas, a partir de 1928, já existiam jornais assegurando o espaço das tirinhas infantis em suas edições de fim de semana. Dentro da imprensa africânder, a primeira tira só seria publicada em 1937, quando o jornal *Die Brandwag* lançou *Troue Vriende*, de Eben Leibbrandt. Dali em diante, as tirinhas só se multiplicariam no país.

O formato de revista exclusiva também não era uma inovação. Na década de 1930, as revistas em quadrinhos importadas dos Estados Unidos também se fizeram presentes nas livrarias e cafés sul-africanos. Elas se tornariam escassas a partir dos anos 1940, com as atualizações da lei de censura ao entretenimento, e só voltariam a aparecer na década de 1950, com as reimpressões locais em inglês e africâner. Mesmo assim, a paranoia promovida pelo livro “*Seduction of the Innocent*” (“Sedução do Inocente”, em português), de 1954, espalhou-se como fogo no palheiro moralista do nacionalismo africânder que imperava no país. Tal obra marcou época nos Estados Unidos da América ao embasar a criação do *Comic Code Authority*, órgão de regulação das publicações em quadrinhos, sob o argumento de que revistas em quadrinhos de super-heróis levavam à delinquência juvenil e à degeneração. A partir daí as revistas em

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia (PPGH/UFBA) e professor da rede privada de educação básica em Ribeira do Pombal-BA e Cipó-BA.

E-mail: [julio.sandes@live.com.pt](mailto:julio.sandes@live.com.pt)

<sup>2</sup> A primeira parte do livro “*Whats So Funny? Under the skin of south african cartooning*” (“Qual a graça? Dissecando o cartunismo sul-africano”, em tradução livre), de Andy Mason (2010), dedica-se a contar a história dos cartuns e quadrinhos na África do Sul, incluindo aí a representação que os britânicos faziam da África do Sul e de seus habitantes desde o período colonial. O blog *South African Comic Books*, mantido pelo colecionador George

quadrinhos de super-heróis e de horror rarearam, sobrando apenas as de humor. As poucas tentativas de reimprimir títulos de heróis, como *Batman* e *Superman*, acabaram se resumindo a poucas impressões, lançadas quase sempre com periodicidade irregular e fadadas ao cancelamento após cinco ou seis números. Tal panorama só se alteraria na década seguinte, em particular a partir de 1964, com o retorno das importações americanas e inglesas. Em 1975, quando *Mighty Man* chegou às bancas, as reimpressões locais da *Supercomix* faziam companhia a ela, assim como as fotonovelas<sup>3</sup>, que desde a década de 1960 eram um sucesso.

A novidade trazida por *Mighty Man* era mesmo o seu conteúdo. Tratava-se da primeira revista a apresentar um super-herói sul-africano. E, como se não bastasse o marco de apresentar pela primeira vez histórias de super-herói que se passavam na África do Sul, em torno de dinâmicas identificáveis pela audiência sul-africana, ainda havia a surpresa de se tratar de um herói negro salvando cidadãos da mesma cor em histórias dominadas por personagens do mesmo tom de pele.

Em um cenário onde dominava a ordem de minoria branca, com o regime de *apartheid* funcionando a pleno vapor, *Mighty Man* causa estranhamento. Afinal, desde o começo dos anos 1970 o governo sul-africano vinha direcionando parte de suas atenções à imprensa, buscando garantir controle sobre o que era publicado por jornais e revistas. O Partido Nacional africânder estava disposto a fazer o possível para reduzir a possibilidade de que alguma mensagem com alcance massivo se tornasse uma fagulha a acender o pavio da convulsão social no país: construiu forte aparato legal que coagia a imprensa; converteu os grupos editoriais africânderes em censores oficiais nas instâncias de regulação criadas pelo governo; e esforçou-se verdadeiramente para criar um ambiente editorial onde a autocensura prevalecesse sobre o interesse jornalístico.<sup>4</sup>

Dessa forma, o surgimento de uma revista de distribuição nacional que apresentava um super-herói negro justo no momento em que as publicações impressas no país estavam mais do que nunca sob controle do Partido Nacional africânder já era, em si, indício do conteúdo da revista: ela só foi capaz de circular como circulou porque não continha histórias capazes de

---

Van Der Riet, possui em seu arquivo uma série de publicações com recorte mais específico, deixando de lado os cartuns e se concentrando nas histórias em quadrinhos veiculadas no país (VAN DER RIET, 2012).

<sup>3</sup> Há pouca pesquisa sobre as fotonovelas sul-africanas em específico. O que há de mais expressivo sobre elas são menções em obras que analisam a imprensa e as mídias do país entre 1960 e 1980. Em artigo publicado em 2010, no *Journal of South African Studies*, Lilly Saint partiu dessas menções pontuais para analisar as fotonovelas publicadas no país que se encaixam no gênero *western* (SAINT, 2010). Há também um elucidador artigo no *The Heritage Portal* a respeito da história dessa mídia no país, assinado por Carol Hardzijer

<sup>4</sup> A *Index on Censorship*, revista criada em 1972 com a ideia de publicizar para o mundo aquilo que era silenciado em alguns lugares, no Dia de Nelson Mandela em 2016 publicou uma coletânea de seus materiais publicados sobre o *apartheid* desde a criação da revista. Um dos materiais publicados é uma lista de todas as leis de natureza censora que viogravam no país em 1975. (SOUTH AFRICA'S CENSORSHIP LAWS, 1975)

promover a subversão da ordem estabelecida na África do Sul sob o *apartheid*. E nem teria como, uma vez que era produzida para reforçar tal ordem.

**Figura 01** - Apresentação do *Mighty Man* na primeira edição de sua revista



Fonte: *Mighty Man*, 1975, nº 1, p. 2

Na página de apresentação da primeira edição, tal reforço é explícito: o *Mighty Man* é apresentado como um homem "orgulhoso de seu povo e de sua gloriosa herança... um homem com a força, o caráter nobre, a honestidade a generosidade dos negros que caminharam sobre a África antes dele", empenhado a combater "cobras e vermes criminosos que se esqueceram do grande legado de seus ancestrais", como se pode ver (Fig. 01).

O fato dessa ser a apresentação do personagem, antes mesmo do começo da história e da explicação da origem do herói, demonstra o quão crucial esta posição era na intenção dos criadores da produção. A origem do herói reforça seu compromisso com a manutenção da ordem. Antes mesmo de ganhar superpoderes, Danny Ndhlomo já era apresentado como um personagem de traços heroicos.

A criação de *Mighty Man* foi uma das centenas de empreitadas que compôs a campanha de propaganda concebida pelo governo sul-africano na década de 1970. Tal campanha tinha a

finalidade de reagir ao que entendia ser uma “guerra de propaganda”. Esta guerra foi travada dentro e fora das fronteiras sul-africanas pela administração de John Vorster, premiê do país entre 1966 e 1978 e presidente entre 1978 e 1979. A vitória nessa campanha representaria sucesso na propagação de uma imagem positiva sobre a África do Sul e seu regime político, nacional e internacionalmente.

Não se tratava de tarefa fácil. O passo inicial para o estabelecimento da guerra de propaganda foi dado onze anos antes da primeira edição de *Mighty Man* aparecer nas bancas de revista das *townships*.<sup>5</sup> Em 1964, aconteceu a publicação de um relatório de oitocentas páginas da Comissão de Inquérito da Imprensa (*Press Commission of Inquiry*, era seu nome original, em inglês). Criada em 1950, durante o mandato de Daniel François Malan como primeiro-ministro, o objetivo da Comissão era investigar a imprensa doméstica e estrangeira na África do Sul. Essa investigação era bem direcionada:

Mais especificamente, essa comissão revisaria três tópicos principais. Em primeiro lugar, investigaria a existência de tendências monopolistas, assim como associações de imprensa e a influência de grupos de interesse sobre a imprensa. Em segundo lugar, a comissão iria debater as atividades de jornalistas autônomos e correspondentes de jornais e agências de notícias estrangeiras. Os Nacionalistas caracterizavam como deplorável a imagem que a imprensa de língua inglesa pintava sobre o país e os africânderes internacionalmente. Em terceiro lugar, a comissão examinaria reportagens internas e externas e o tratamento geral das notícias por diversos jornais, bem como a conveniência ou não do controle de tais reportagens<sup>6</sup> (BOUHOT, 2009, p. 44).

Apesar de se propor a uma análise aprofundada da imprensa, de suas dinâmicas de atuação e da estrutura de propriedade dos grupos editoriais, o relatório publicado em 1964 resumiu-se a analisar a cobertura internacional sobre o país. Foram considerados editoriais, reportagens e colunas escritos por correspondentes de jornais estrangeiros entre 1950 e 1955, e 80,6% deles foram avaliados como "muito ruins" pela comissão por serem "tão tendenciosos, preconceituosos e/ou inescrupulosos que distorcem o cenário racial e político da África do Sul

---

5 Na África do Sul, os termos "*township*" e "localidade" em geral referem-se às áreas urbanas frequentemente subdesenvolvidas e racialmente segregadas. Do final do século XIX até o fim do *apartheid*, essas áreas eram reservadas para populações indianas, africanas e de cor (o termo oficial usado pela legislação do *apartheid* para designar a população miscigenada era "*coloured*"). O comum era que essas *townships* se localizassem na periferia das cidades de maioria branca. Apesar do fim do regime de segregação racial, essas áreas ainda hoje continuam sendo quase que exclusivamente habitadas por populações não-brancas (TOWNSHIP, 2019).

6 “More specifically, this commission would review three main topics. In the first place, it would look at the existence of monopolistic tendencies, press associations and group interests and their influence on the press. Secondly, the commission would debate the activities of freelance journalists (stringers) and correspondents for newspapers and news agencies abroad. The Nationalists indeed deplored the image that the English-language press gave of the country and of Afrikaners abroad. Thirdly, the commission was to examine internal and external reporting and the general handling of news by the various newspapers, as well as the advisability or otherwise of the control of such reporting.”

com comentários que são tão cegamente partidários e/ou inescrupulosos que se tornam injustificáveis" (SANDERS, 1997, p. 65).<sup>7</sup>

As conclusões do relatório criaram enorme pressão sobre o Departamento de Informação, órgão de inteligência do governo. O domínio das reportagens negativas sobre o país na imprensa estrangeira era, em certa medida, compreendido pela cúpula do Partido Nacional como prova de que o departamento fracassava em uma de suas mais importantes missões: informar o público internacional a respeito dos êxitos logrados pela política de desenvolvimento separado das raças na África do Sul (Idem). Esse diagnóstico de fracasso levou John Vorster a colocar Cornelius Petrus Mulder como chefe do departamento, nomeando-o Ministro da Informação em 1968.

Mulder era uma estrela ascendente no Partido Nacional africânder, sendo um dos principais nomes do núcleo do partido na região do Transvaal, reduto do nacionalismo africânder no norte do país. Acadêmico, professor universitário, membro do conselho diretor de um dos maiores grupos de imprensa em língua africâner do país, o Perskor, C. P. Mulder estava havia dez anos no Parlamento e era apontado como uma das caras do "futuro" do Partido Nacional africânder (HACHTEN; GIFFARD, 1984; SANDERS, 1997).

Nessa perspectiva, sua nomeação como chefe do Departamento de Informação nos permite vislumbrar alguns dos objetivos do governo Vorster naquele momento: 1) melhorar a imagem do governo sul-africano diante da comunidade internacional; 2) construir um herdeiro político respeitado nacional e internacionalmente, e, conseqüentemente; 3) avançar ainda mais o regime de "desenvolvimento separado".

## **1.2 O novo Departamento de Informação e o prelúdio da guerra de propaganda**

A partir de 1971, Mulder coordenou um processo de reestruturação do Departamento de Informação. Substituiu os ocupantes dos cargos de chefia nomeados por suas relações políticas por funcionários de carreira do Departamento, com larga experiência fora de país e contatos que pudessem favorecer uma guinada na percepção internacional do regime. Esta transformação no Departamento passou pela atuação de Eschel Rhoodie e Lourens Smut de Villiers, respectivamente Secretário e Vice-Secretário de Informação, números 2 e 3 do Ministério. Os pontos em comum na trajetória de ambos demonstravam o que o ministro considerava mais importante para tocar os novos projetos de informação do governo.

Eschel Rhoodie havia iniciado sua carreira profissional nos anos 1950 em uma publicação mantida pelas Forças de Defesa sul-africanas, de onde partiu para servir o Serviço de

---

<sup>7</sup> "‘Very bad reporting’ was described as ‘...either blindly partisan or unscrupulously tendentious, the selection is so tendentious, prejudiced and/or unscrupulous as to distort the South African political and racial scene and the

Informação. Entre 1958 e 1972, serviu nos Estados Unidos, na Austrália, na Nova Zelândia e na Holanda. Ao longo desse período, publicou alguns livros que analisavam a formação política e a situação geopolítica da África do Sul: "*South-West: the Last Frontier in Africa*" ("Sudoeste – a última fronteira em África", em português), de 1967, em que discorreu sobre a ocupação da África Austral pelo homem branco e as formações sociais dela decorrentes; "*The Third Africa*" ("A Terceira África", em português), publicado em 1968, onde focou no papel estratégico do continente africano e da África do Sul no combate do "mundo livre" contra o *front* comunista sino-soviético; e "*The Paper Curtain*" ("A Cortina de Papel", em português), de 1969, onde defendeu a existência de uma campanha difamatória de alcance global contra a África do Sul, capitaneada pela imprensa ocidental, que deturpava a realidade do regime de desenvolvimento separado das raças que vigorava no país (RHOODIE, 1983; SANDERS, 1997).

Lourens Erasmus Smit de Villiers, igualmente, era um funcionário de carreira do Departamento de Informação que iniciou sua caminhada profissional na imprensa africânder e que, ao longo de sua trajetória, costurou uma rede de influência valiosa em setores sensíveis da política sul-africana e da imprensa internacional. E a ascensão burocrática de homens com esse perfil alcançou todos os escalões do departamento, levando a uma profusão de projetos. Tamanha criatividade era internamente creditada, em larga escala, ao trabalho de Rhodie. Carl Noffke, ex-Diretor de Informação na Embaixada da África do Sul nos Estados Unidos durante os anos 1970, chegou a afirmar que considerava o ex-Secretário de Informação "o propagandista mais brilhante do século", "melhor que Goebbels", inclusive (SANDERS, 1997, p. 64).

Os custos dessa reputação eram altos. Por isso, desde o princípio, Rhodie foi bem claro com seus superiores, conforme revelaria posteriormente:

Eu disse diretamente (a John Vorster): "eu quero que você aprove não um ativo de informação, mas uma guerra de propaganda onde nenhuma regra ou regulção importe. Se eu precisar subornar alguém, então vou subornar. Se for necessário que eu providencie, por exemplo, um casaco de zibelina para a esposa de um editor, então eu devo estar em uma posição onde possa fazer isso (REES; DAY, 1980, p. 172).<sup>8</sup>

A compreensão de que todas as opções deveriam ser consideradas para atingir o objetivo de manipular a opinião pública a favor do regime, principalmente a estrangeira, era expressão prática de um sentimento antigo. Tratava-se uma resposta lógica a um diagnóstico que existia

---

comment is so blindly partisan/and or unscrupulous as to be generally unjustifiable'."

<sup>8</sup> "I specifically said to (John Vorster): 'I want you to approve, not an information asset, but a propaganda war in which no rules or regulations count. If it is necessary for me to bribe someone, then I would bribe him or her. If it is necessary for me to purchase, for example, a sable mink coat for an editor's wife, then I should be in a position to do

desde a década anterior, a respeito de uma "ofensiva total" contra a África do Sul, cujo argumento precede o próprio livro de Rhodie e que englobaria a "guerra de propaganda", mas iria além dela.<sup>9</sup> A concordância de Mulder e Vorster com os termos de ação propostos pelo então Secretário de Informação demonstrava que sua forma de ver as coisas era parecida: para mudar a imagem da África do Sul perante a comunidade internacional, garantir a sobrevivência do *apartheid*, e conseqüentemente do povo africânder. Todas as cartas estavam na mesa.

Dessa maneira, a reformulação do Departamento de Informação não atendia apenas à necessidade de agir sobre o que o relatório da Comissão de Imprensa havia encontrado quase dez anos antes. Ela pode ser lida como parte de um plano de pactuação interna do Partido Nacional, que se via no final dos anos 1960 em meio a um grande conflito programático, conforme detalhou Miller (2013).

A reorganização do Departamento de Informação realizada por Mulder foi na mesma direção do reordenamento ministerial efetuado pelo primeiro-ministro John Vorster para lidar com as disputas no seio do nacionalismo africânder, que haviam paralisado seu primeiro mandato. A nova estrutura do Departamento, priorizando funcionários de carreira e com uma retórica de trabalho mais proativa, agradava às alas *verligte* do Partido Nacional, mais modernas e liberais, que viam tal ação como uma repaginação do regime e diálogo com o mundo. Ao mesmo tempo, a criação do *BOSS* (*Bureau of State Security*, ou Gabinete de Segurança de Estado), sob a batuta do General Van Der Bergh, agradou os setores mais militarizados, que priorizavam a segurança militar do regime. O aceno aos *verkramp*, ala mais conservadora e disposta a preservar o sistema africânder a qualquer custo, vinha com o aumento do poder da Irmandade Africânder (*Afrikaner Broederbond*, no original em africâner), sociedade secreta que reunia a nata do nacionalismo africânder na defesa do que entendia como interesses do povo africânder.<sup>10</sup> Tal arranjo de governo foi o que criou a tranquilidade política necessária para realização das operações financeiras e burocráticas que a execução da guerra de propaganda de Rhodie demandavam, além de manter Vorster alinhado com a ideia de uma unidade africânder.

---

so. If it is necessary for me to send somebody on a holiday to the Hawaiian Islands with his mistress for a month, then I should be able to do so'."

9 A doutrina do "*total onslaught*" contra a África do Sul nasceu nos círculos militares do Cabo Ocidental, basicamente atribuindo a toda e qualquer hostilidade anti-*apartheid* o papel de ferramenta mobilizada por uma articulação comunista mirando a segurança da África do Sul, suas riquezas e seu estilo de vida. Suas bases se espalharam pelos círculos africânderes a partir de meados da década de 1960, e esta tese ganhou ainda mais força com o assassinato de Hendrik Verwoerd em 1966, culminando na sua formalização como política de Estado a partir de 1979, no governo de P. W. Botha como Primeiro-Ministro (MILLER, 2016; 2017).

10 Fundada em 1918, a organização desempenhou papel central no crescimento do nacionalismo africânder no país (BLOOMBERG, 1990). Na década de 1970 sua relevância política tornou-se objeto de disputa dentro do próprio nacionalismo africânder: havia quem questionasse a legitimidade de a organização ser tão atuante na formulação de políticas de Estado e quem acusasse o governo de Vorster de usá-la para pavimentar a aceitação de suas políticas. (THE S.A. BROEDERBOND, 1972; DUBOW, 2014)

A construção desse arranjo desempenhou papel importante na articulação dos interesses africanos dentro da geopolítica da Guerra Fria. Esse movimento não era novo, visto que o medo do comunismo já existia enquanto ativo político no país desde antes do estabelecimento do regime de *apartheid*.

O lugar desse anticomunismo, entretanto, se alterou dentro da agenda do Partido Nacional à medida que a Guerra Fria se impôs como pano de fundo geopolítico de alcance mundial. A “ameaça vermelha” continuava colocando em risco o nacionalismo africano a partir de sua vinculação com a luta anticolonial na África Austral e precisava ser combatida, mas passou a ser também uma moeda de troca no fortalecimento regional do regime. Foi usado para barganhar acesso à tecnologia militar nuclear com Washington (VAN WIK, 2013), assim como para camuflar o ímpeto opressivo do regime de minoria branca contra os movimentos organizados dos povos nativos dentro da "estratégia de segurança regional" projetada pelo bloco capitalista para a África Austral (DANIEL, 2013).

Dessa forma, apesar de ter o anticomunismo como um dos elementos fundadores de sua política desde a década de 1940, a adesão do governo africano a essa agenda não decorria de uma defesa do bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos; pelo contrário, expressava sua própria busca por sobrevivência, visto que a União Soviética apoiava os movimentos libertação nacional na região, e o Partido Comunista da África do Sul (*SACP*, na sigla original em inglês) agia articulado ao Congresso Nacional Africano (*ANC*, na sigla original) e ao Congresso Pan-Africanista (*PAC*, na sigla em inglês) na oposição ao regime. Como diz Costa (2015), quando toma essas “guerras de fronteira”, travadas em Angola, Sudoeste Africano e Rodésia:

O principal objetivo era criar uma situação na África Austral em que todos aceitassem a hegemonia sul-africana. A metáfora era o termo “constelação”. O maior desejo sul-africano era de expandir sua lógica dos bantustões<sup>11</sup> para os países vizinhos. Nela, Moçambique e Angola seriam governados por líderes negros, mas tolerantes ao *apartheid*, anticomunistas e colaboradores na perseguição à *SWAPO* e ao Congresso Nacional Africano (COSTA, 2015, p. 26).

Em outras palavras, mais do que expressar o combate político entre as duas superpotências globais da época, os grupos e movimentos políticos do sul da África instrumentalizaram aquela disputa em favor de seus próprios interesses.

---

<sup>11</sup> Bantustões, também chamados de “*homelands*”, eram as zonas designadas para os habitantes negros da África do Sul e também do Sudoeste Africano, atual Namíbia, como parte do regime de *apartheid*. Eles foram estabelecidos a partir da Lei das Autoridades Bantu de 1951 como um aprimoramento da política de “reservas” para os povos nativos que existia durante o governo colonial britânico. Em 1970, seus habitantes foram alvo das Lei de Cidadania dos Bantustões, que lhes retirou a cidadania sul-africana e passou a considerá-los cidadãos dos bantustões a que foram designados. Ou seja: estrangeiros na África do Sul. (THOMPSON, 2001; DUBOW, 2014)

Essa instrumentalização é um dos movimentos presentes na retórica que fez Eschel Rhodie brilhar como opção para a Secretaria de Informação. Ao afirmar que havia uma parede de mentiras criadas pela imprensa ocidental ao redor da África do Sul, Rhodie equivalia a imprensa do "mundo livre" aos órgãos de controle dos regimes socialistas, compreendidos pelas mídias ocidentais na época como verdadeiros templos de promoção e execução da censura estatal (RHODIE, 1969). Dessa forma, ele ratificava o combate ao comunismo como ponto passivo em sua agenda: o comunismo era inimigo do país, e atribuir aos seus críticos na arena internacional a pecha de comunistas era a isca usada pelo governo de minoria branca para atrair a simpatia estrangeira.

O programa de propaganda doméstica e estrangeira do Departamento de Informação estabeleceu-se a partir dessa retórica. O movimento lógico por trás do diagnóstico era forçar uma abertura ao diálogo e aí entraram os projetos que seriam desenvolvidos a partir de então.

A manipulação de temas sensíveis politicamente através da propaganda não era uma invenção genial do governo sul-africano, mas sim a tônica no mundo em Guerra Fria. Tanto Estados Unidos quanto União Soviética possuíam agências estatais que contavam com vultuosos orçamentos a fim de ampliar os países e regiões em sua esfera de influência através de cooperações institucionais, assim como trabalhavam para influenciar públicos estrangeiros a seu favor. Parte da ação estava exatamente em dizer que os órgãos responsáveis pela propaganda eram apenas agências de informação e estavam exclusivamente informando a população.

A promoção de Rhodie e De Villiers, funcionários do Departamento com experiência internacional, bem como o incentivo interno dado aos funcionários com trajetória parecida, visavam não apenas a internacionalização das ações de propaganda, mas também a criação de um ambiente de trabalho que tivesse na cooperação com entes privados uma dinâmica comum inclusive em solo doméstico. Essa dinâmica de cooperação foi fundamental para que o *Mighty Man* surgisse no horizonte de ação do Departamento de Propaganda como uma ação possível para alcançar a juventude negra das townships e controlar, de uma vez por todas, qualquer possibilidade de convulsão social que pudesse estremecer o chão do governo de minoria branca em Pretória.

### **1.3 A saga de *Mighty Man*: concepção, produção e circulação**

Quando os quadrinhos do *Mighty Man* começaram a ser veiculados, pouco se sabia sobre a sua produção. As revistas não apresentavam uma ficha técnica listando staff, como era de praxe nas edições importadas e reimpressas que circulavam no país. Em todas as dezessete edições publicadas, apenas uma pessoa foi identificada: Simon Sabela, apresentado como editor. É

irônico que, depois do fim da veiculação das revistas, tenha se tornado público que essa única identidade humana apresentada pela série não tivesse relação alguma com o processo de concepção, execução e comercialização da revista.

Àquela altura, Simon Sabela era o principal ator e diretor de cinema e TV sul-africano. Herói de filmes nacionais e galã de novelas populares, Sabela foi alçado ao patamar de referência artística no país após tornar-se, no ano de 1974, o primeiro artista negro a dirigir um filme de longa metragem na África do Sul. Seu legado para a cena artística é tamanho que o maior prêmio da TV e do cinema sul-africano hoje é o *Simon Sabela Awards*. Entretanto, apesar de sua enorme relevância, não há nada registrado que indique uma incursão de Sabela no mundo dos quadrinhos.

O que parece provável é que Sabela tenha desempenhado junto à *Afri-Comics* papel parecido com o que havia desempenhado na "indústria de filmes negros" que surgia no país naqueles tempos<sup>12</sup>: era a presença negra legitimadora de uma ação que, por um lado, fomentava a cooperação do público negro com o *apartheid*, e, por outro, favorecia a concentração do investimento estatal nas mãos de brancos, preferencialmente africânderes. Ao que tudo indica, Sabela foi uma face popular acionada para facilitar a identificação e o interesse da juventude negra pela revista do *Mighty Man*.

Este subterfúgio era necessário porque a concepção e a produção da revista eram integralmente brancas. Após o fim da veiculação da revista em quadrinhos, *Southern Africa* publicou um artigo vinculando o *Mighty Man* ao projeto do governo africânder de comprar simpatia em colaboração com empresários estrangeiros. O artigo é assinado por Steve Weissman, então conhecido jornalista e comentarista político americano associado à *New Left* californiana. O título do texto principal assinado por ele se chama "Editor Americano Leiloa África do Sul" ("*American Publisher Peddles South Africa*", no original) e fala especificamente sobre a relação existente entre o magnata americano das comunicações John McGoff e a campanha de relações públicas que o governo sul-africano empreendia. McGoff era dono de dezenas de jornais ao redor dos Estados Unidos através de suas editoras Panax e Global, além de possuir uma rede de TV sediada em Londres chamada *UPI Television News*. Àquela altura, já tinham se tornado notórios os artigos e colunas publicados em seus veículos de comunicação que expressavam posições favoráveis ao regime africânder. Weissman trazia como novidade o fato de que tais posições faziam parte de uma série de iniciativas executadas em conjunto com próprio governo sul-africano. Como diz o artigo,

---

12 A partir de 1972, o governo sul-africano passou a direcionar verbas estatais para a produção de filmes direcionados ao público negro, no que ficou conhecido como "*B-scheme subsidy*": companhias de produção audiovisual possuídas, dirigidas e operadas por brancos, recebendo subsídio governamental para fazer filmes com negros (PALEKER, 2010).

A Panax de McGoff tem um pequeno investimento na África do Sul: uma gráfica chamada Xanap - que tem impresso a revista semanal governista *To The Point* e os títulos da controversa *Afri-Comics*, que por sua vez pertencem ao editor da *To The Point*, J. Van Zyl Alberts. McGoff também ofereceu auxílio na distribuição americana da nova *To The Point International*, que é produzida na Antuérpia (WEISSMAN, 1978, p. 4).<sup>13</sup>

Em um texto complementar da mesma revista, Weissman fala um pouco mais sobre a *Afri-Comics* e o *Mighty Man*.

Um consultor de marketing de Nova Iorque com clientes na África do Sul, Manville teve a ideia dos quadrinhos em 1975. "Era uma cópia deliberada de um formato muito bem-sucedido □ para ser específico, o *Superman*, que tem dado certo por uns 25 anos". Só que o *Mighty Man* com suas calças azuis e sua capa escarlate era um sul-africano negro, e Manville com seu time de cartunistas autônomos e roteiristas do ramo localizavam as histórias em uma *township* negra muito parecida com a tão falada Soweto. Manville vendeu a ideia a um dos principais homens da mídia sul-africana, J. Van Zyl Alberts, que também comanda a revista semanal governista *To The Point*. Manville dirige o braço criativo em Nova Iorque. Alberts publica os quadrinhos por uma empresa sul-africana, *Afri-Comics*. E John McGoff, cabeça do grupo de jornais americanos Panax, imprime os quadrinhos através de sua subsidiária sul-africana, a Xanap, em uma gráfica localizada no bantustão *tswana* próximo a Pretória (WEISSMAN, 1978, p. 3).<sup>14</sup>

Weissman credita a criação do personagem a Richard Manville, consultor de *marketing* que havia sido contratado em 1973 por Rhodie para realizar uma análise de mercado sobre a percepção que o público americano tinha da África do Sul e seu governo. A partir de então, teria sido gerada a ideia para o quadrinho como ação de propaganda para o regime africânder. Isso o teria levado a abordar Jan Van Zyl Alberts para tratar do assunto. De acordo com essa versão dos fatos, a *Afri-Comics* e o *Mighty Man* seriam iniciativas inteiramente privadas, articuladas por homens politicamente interessados que viram ali uma oportunidade de negócio: Manville, tendo sido responsável pela pesquisa que Rhodie encomendou, sabia da necessidade que o governo tinha de reforçar laços com o empresariado estrangeiro; Van Zyl Alberts, como editor da *To The*

13 "McGoff's Panax has a small investment in South Africa: a printing firm called Xanap - which has printed the pro-government newsweekly *To The Point* and the controversial *Afri-Comics*, which were owned by *To The Point* publisher J. Van Zyl Alberts. McGoff also offered to help out with American distribution of the new *To the Point International*, which is published from Antwerp."

14 "A New York marketing consultant with clients in South Africa, Manville thought of the comic strip back in 1975. 'It was a deliberate copy of a highly successful format-namely *Superman* which had been working for some 25 years'. Only *Mighty Man* with blue tights and scarlet cape was a South African black, and Manville and his team of freelance cartoonists and balloon writers set the stories in a black township very like the now-famous Soweto. Manville sold the idea to leading SA media man J. van Zyl Alberts, who also runs the pro-government newsweekly *To The Point*. Manville ran the creative end from New York. Alberts published the strips through a South African firm, *Afri-Comics* (Pty) Ltd. And John McGoff, head of the American Panax newspaper chain, printed the comics through his South African subsidiary XANAP, with a printing press in the Tswana bantustan near Pretoria."

*Point*, amigo pessoal de Vorster e empresário, viu na revista um produto com potencial de sucesso, já que não existia uma verdadeira indústria nacional de histórias em quadrinhos; McGoff, homem de negócios, viu ali uma possibilidade de levar suas empresas de mídias para o mercado sul-africano – no fim, todos ganhavam dinheiro e, ao mesmo tempo, reforçavam relações em um mercado local dominado por ideias políticas conservadoras das quais compartilhavam. Empreendedorismo, como alguns podem preferir chamar.

Mais adiante, no mesmo texto complementar, afirma-se que o artista chefe da revista era Joe Orlando. Em 1975, quando o quadrinho começou a ser publicado, o artista ítalo-americano tinha quarenta e oito anos, vinte e oito deles dedicados aos quadrinhos – era uma lenda viva. Em entrevista mencionada pelo texto complementar da *Southern Africa*, ele deu maiores informações sobre as orientações recebidas para a criação dos quadrinhos do *Mighty Man*:

“Havia certas linhas gerais”, explica o cartunista chefe Joe Orlando. “Como não xingar o governo. (...) Basicamente a gente estava do lado da lei e da ordem, defendendo que crianças devem ficar na escola, obedecer às leis, e todo o resto dessas coisas, que são exatamente o formato que o Superman segue (WEISSMAN, 1978, p. 3).<sup>15</sup>

Diante de um projeto voltado a jovens em idade escolar, o artista pensou que seria uma boa ideia complementar o projeto com um pouco mais de informação educativa. Orlando sugeriu que cada uma delas tivesse uma seção informativa de uma página falando a cada mês sobre um herói africano em particular. Sua sugestão foi de que o primeiro nome abordado fosse Amilcar Cabral, grande líder anticolonial guineense. Obviamente a sugestão foi vetada, por motivos políticos. No lugar da sugestão do artista, todas as edições trouxeram ao fim da história principal uma seção dedicada a incentivar a prática esportiva, contendo homenagens a esportistas sul-africanos e dicas de esporte, do futebol ao judô (Fig. 02). Outra sugestão de Orlando, igualmente vetada, foi uma menção à escravidão na página de apresentação do personagem na primeira edição, na versão que foi publicada, inexistente tal referência histórica.

**Figura 02** - Exemplo de conteúdo esportivo nas revistas *Mighty Man*

---

15 "There were certain guidelines," explains lead cartoonist Joe Orlando. "Like not screwing around with the government." (...) "Basically we were on the side of law and order, and kids should stay in school, and they should obey the law, and all the rest of that stuff, which is exactly the format Superman follows."



Fonte: *Mighty Man*, nº 1, p. 29; nº 7, p. 26.

O que Weissman ainda não sabia quando escreveu o texto, é que os tais executivos que vetaram as sugestões de Orlando apenas executavam um projeto idealizado dentro do Departamento de Informação. Em 1979 uma comissão de inquérito estabelecida pela Suprema Corte sul-africana, sob o comando do Ministro Rudolf Erasmus, revelou que o aporte financeiro que tirou do papel a ideia de uma editora de quadrinhos voltada para a juventude negra sul-africana veio de movimentações contábeis irregulares feitas pelo governo para alimentar o programa de propaganda de Mulder e Rhodie. O financiamento da *Afri-Comics* como um todo teria custado R400 000 na época (SANDERS, 1997) – para efeito de comparação, em agosto de 1975, quando a primeira edição de *Mighty Man* foi publicada, esse valor equivalia a cerca de US\$559.000, ou US\$2.806.870 na cotação de 2021.

Quatro anos depois, o próprio Eschel Rhodie publicou um livro chamado “*The Real Information Scandal*” (“O Verdadeiro Escândalo da Informação”, em português), no qual pretendia se defender da fogueira pública onde foi jogado após o Escândalo da Informação de 1977, que tornou público a existência do programa secreto de propaganda tocado pelo Departamento de Informação. Como foi publicado anos depois do assunto ter rendido semanas de manchetes, relatórios, vazamentos e descobertas, o já ex-Secretário de Informação tenta assumir o protagonismo da história, chamando para si o pioneirismo criativo da maior parte dos projetos tocados pelo departamento e criticando os quadros superiores do Partido Nacional africânder por terem feito pouco para garantir o sucesso das operações (RHOODIE, 1983). Nesse livro, Rhodie apresenta uma versão diferente dos fatos que envolvem a criação do *Mighty Man*.

Segundo ele, a ideia de estabelecer uma editora de quadrinhos no melhor estilo das *comics* americanas partiu do próprio Departamento de Informação, e os argumentos das principais revistas da editora, “*Mighty Man*” e “*Tiger Ingwe*”, foram elaborados pela esposa de Jan Van Zyl, Bettie Van Zyl Alberts.

Alberts recebeu instruções nossas para estabelecer uma empresa, *Afri-Comics*, que iria produzir típicos quadrinhos no formato americano para distribuição em massa. O objetivo era conter propaganda comunista e de apoio à SWAPO<sup>16</sup> entre os negros sul-africanos e promover não apenas o conceito de lei e ordem, mas também de amor por sua própria história e cultura. Foi uma ideia que peguei de alguns amigos da CIA, que tinham diversas tirinhas em quadrinhos no Ocidente e que, além disso, produziam quadrinhos para distribuição no Oriente Médio e no Extremo Oriente.

Dois personagens principais foram selecionados para serem heróis dos quadrinhos: *Tiger Ingwe* e *Mighty Man*. O roteiro era escrito pela esposa de Alberts, Bettie, que é uma antropóloga profissional, e também por escritores situados nos Estados Unidos. O trabalho artístico era feito em Nova Iorque através da Richard Manville S.A. Essa era a mesma empresa de pesquisa mercadológica que conduziu em sigilo a análise global sobre a imagem da África do Sul em 1973 que usei como base no preparo da campanha de propaganda de cinco anos do governo (RHOODIE, 1983, p. 281).<sup>17</sup>

Ainda segundo Rhodie, a bagagem de Bettie Van Zyl como antropóloga lhe auxiliou a ir além da redação do argumento: Bettie organizou grupos focais em áreas urbanas e rurais para identificar elementos a serem explorados pelas histórias de modo a aumentar seu apelo junto a tais públicos. Ela e seu marido reuniram-se algumas vezes com os artistas em Nova Iorque para discutir o tipo de linguagem e de ilustração que seria mais efetiva ao público-alvo dos quadrinhos.

No texto de Rhodie, a máscara de "livre iniciativa visando lucro financeiro e político" que orbitava a criação caiu por terra. O papel dos atores mudou de relevância substancialmente. Onde antes havia um analista de mercado utilizando de informação privilegiada para acionar sua rede de contatos e lançar um produto cultural inovador com potencial de desenvolver um mercado local de quadrinhos ainda inexistente, agora se via uma ação de propaganda governamental que era parte de uma campanha estruturada e teve sua execução terceirizada para atores privados, tanto com a finalidade de aumentar a legitimidade da ação, quanto de fortalecer relações comerciais importantes para a construção da nova imagem internacional que o governo sul-africano almejava.

---

16 SWAPO é a sigla em inglês para *South West Africa People's Organisation*, ou Organização do Povo do Sudoeste Africano, principal organização a lutar pela independência da atual Namíbia.

17 “Alberts received instructions from us to establish a company, *Afri-Comics*, which had to produce typical American-style comics for mass distribution. The objective was to counter Communist and Swapo propaganda among South African Blacks and to promote not only the concept of law and order but also a love for their own history and culture. It was an idea which I had picked up from friends in the CIA who had several major comic strips in the West and who had also produced comic books for distribution in the Middle and Far East. Two major characters were selected to be the heroes of the comic strips: *Tiger Ingwe* and *Mighty Man*. The story line was written by Albert's wife Bettie, who is a trained anthropologist and also by writers in the United States. The art work was done in New York through Richard Manville Inc. This was the same market research company which conducted the world-wide secret market analysis on South Africa's image in 1973, and which I used as the basis in preparing the Government's five-year propaganda campaign.”

Nessa campanha, o papel dos quadrinhos da *Afri-Comics* era apresentar um contraponto ao que Rhodie identificava como "propaganda comunista". No caso específico do *Mighty Man*, a ideia era superar tal propaganda na influência dos jovens negros das *townships* através de uma mensagem que reforçasse a importância da lei e da ordem, ao mesmo tempo em que estabelecesse relação entre o comportamento ordeiro e o respeito às tradições e ao legado dos povos tradicionais africanos.

A trajetória do personagem reafirmava seu caráter virtuoso: Danny era um oficial de polícia que foi baleado ao impedir que uma loja local fosse assaltada, e nocauteou os dois criminosos mesmo depois de receber um tiro no peito. Danny teve sorte, sobreviveu ao tiro, mas ficou com o projétil alojado, impondo a ele a incapacidade de continuar patrulhando as ruas da *township*. Diante disso, foi retirado do trabalho de patrulha e designado para trabalhar nos arquivos da delegacia junto com Donna Buthelezi, que se tornou seu interesse amoroso. A colega de trabalho de Danny teve papel importante na sua aquisição de super-poderes: seu irmão, Jack, foi sequestrado por uma gangue de criminosos e ela foi chantageada para que roubasse os arquivos policiais que os mencionavam, sob pena de ter seu irmão assassinado. Quando Donna saía da delegacia com os arquivos, um mal-entendido fez com que o chefe de polícia entenda que Danny era quem estava tentando roubá-los, o que deu início a uma perseguição ao herói. O jovem conseguiu escapar, mas o esforço empreendido na fuga o debilitou, como havia previsto o médico. Ao buscar abrigo da chuva em uma caverna escondida, ele se afogou e foi salvo por estranhas criaturas subterrâneas que, com sua tecnologia de ponta, removeram o projétil que debilitava Danny, dotando-o de superpoderes.

Os nomes dados aos personagens demonstram o esforço empreendido para que despertassem a simpatia da audiência: tanto Ndhlomo, quanto Buthelezi, sobrenomes de Danny e Donna, remetem a clãs nativos associados com a chefia de povos *xhosa* e *zulu*. Ndhlomo é uma variação de Dlomo, sobrenome derivado do nome de um dos soberanos da dinastia Thembu; Buthelesi também é um nome real, inclusive era o sobrenome do então Ministro Chefe do bantustão de KwaZulu, Mangosuthu Buthelezi – que também era líder do *Inkhata Freedom Party* (Partido da Liberdade Inkhata, em tradução livre), principal partido a agitar a bandeira do nacionalismo banto no país.

Esse elemento deve ter sido um dos acionados por Betty Van Zyl para contornar a dificuldade que os idealizadores sul-africanos teriam encontrado nos artistas americanos na hora de representar personagens africanos para Rhodie. Estes, desenhados por eles, tendiam a “agir e parecer com negros americanos” (RHODIE, 1983, p. 282).

Não é possível especificar ao certo o que Rhodie e companhia entendiam como "agir e parecer com negros americanos", já que depois de algumas reuniões, o autor diz que os artistas

encontraram "o tipo certo de ilustração". O que é perceptível é que os cenários têm nitidamente como referências aquilo que os quadrinhos americanos apresentavam na época. As *townships* são apresentadas como ambientes urbanizados, asfaltados, com algumas poucas construções de mais de um andar e algumas casas com aparência envelhecida (Fig. 03). O que parece é que os ilustradores entenderam "*townships*" como variação das "*towns*" americanas, as cidadezinhas, maiores que os povoados chamados *villages*, mas que não chegam a ser uma grande cidade, uma *city*. A realidade é que o cenário das *townships* era bem diferente nos anos 1970 daquele apresentado nos quadrinhos do *Mighty Man*.

**Figura 03** - Cenário da *township* de acordo com a edição nº 13 de *Mighty Man*



Fonte: *Mighty Man*, 1976, nº 13, p. 19

Majoritariamente, as ruas eram de chão batido e não de asfalto; as casas eram pequenas e se dividiam entre os barracos irregulares e as *matchbox houses* construídas pelo governo ("casas de caixa de fósforo", em português), pequenas e com poucos cômodos, sem água encanada, nem rede elétrica, mesmo em *townships* como Soweto, construída nos arredores de Johannesburgo e principal alvo de distribuição da revista. Os hospitais, cenários recorrentes da história, onde *Mighty Man* visitava vítimas de ações criminosas, nem de longe lembram as estruturas falidas comumente colocadas à disposição dos povos nativos, e das populações mais pobres, e remetiam muito mais aos hospitais brancos; afinal, eram estes que tinham uma vida similar àquela das classes médias e altas da Europa e da América do Norte. Como Leonard Thompson explicou,

Caracteristicamente, eles [*os brancos*] possuíam carros e viviam em casas ou apartamentos espaçosos em subúrbios segregados, com empregados negros. O Estado provia a eles serviços públicos excelentes: escolas e hospitais; parques e campos de esportes; ônibus e trens; estradas, água encanada, eletricidade, telefones, drenagem e saneamento. [...] Os serviços públicos para negros eram caracteristicamente inadequados ou inexistentes. Nos bantustões, mulheres ainda andavam quilômetros todos os dias para buscar água e madeira para lareira; nas cidades, pessoas se amontavam em residências conjugadas separadas por sexo, casas com goteiras e infiltrações, ou cabanas improvisadas. Escolas, hospitais e transporte público para negros eram bastante inferiores.

---

Eletricidade, água encanada, telefones públicos, sistemas de esgoto, parques e campos de esporte eram raros (THOMPSON, 2001, p. 200-201).<sup>18</sup>

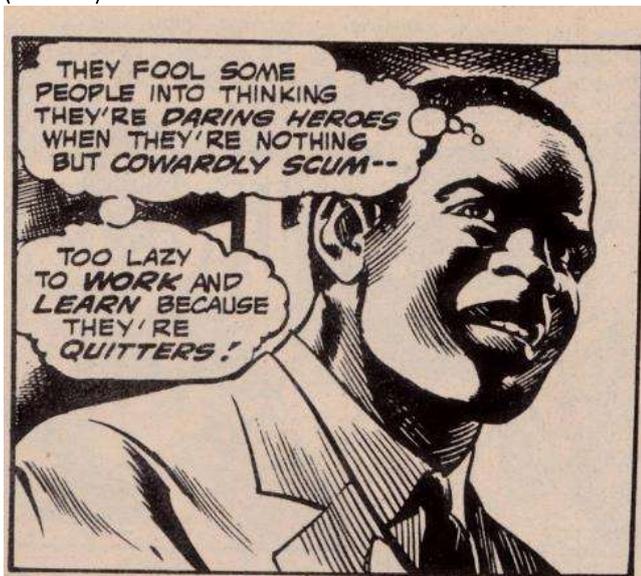
Os problemas combatidos pelo herói, entretanto, eram familiares ao cotidiano das *townships*. Danny luta contra traficantes de drogas, chefões dos jogos de azar, comerciantes de armas, figuras políticas corruptas e principalmente contra as gangues de arruaceiros, os grupos de *tsotsis*. A briga contra os *tsotsis*, aliás, não se dava apenas nas aventuras do herói, que buscava frustrar os assaltos, sequestros e coações aos quais esses grupos eram cotidianamente associados, mas também pelo lugar de modelo a ser seguido. A dinâmica fora da lei dos *tsotsis* exercia algum fascínio sobre a juventude das *townships*, principalmente pela notoriedade local (positiva e negativa) que se ganhava ao integrar esses grupos. Sua atração sobre jovens rapazes era tamanha que as organizações políticas dos povos africanos no país constantemente debatiam táticas de infiltração nos grupos com a finalidade de trazer para seus quadros alguns dos *tsotsis* (GLASER, 1998; DUBOW, 2014).

O interesse que os grupos despertavam tinha a ver tanto com a possibilidade de ganhar algum dinheiro sem a necessidade de se sujeitar ao domínio branco (ponto sobre o qual as organizações de libertação dos povos negros buscavam se apoiar ao discutir a possibilidade de infiltração e cooptação), quanto com certa ideia de coragem e aventura - afinal, cometer um assalto à mão armada envolve sempre um risco, seja de prisão ou de morte. Logo na sua primeira edição, *Mighty Man* se apresentou como opositor e adversário dessa lógica. Para Danny Ndhlo, esses criminosos "enganam as pessoas, levando-as a pensar que são heróis ousados quando não verdade não são nada além de uma escória covarde", que se metem a cometer crimes por serem "muito preguiçosos para trabalhar e aprender" (Fig. 04).

**Figura 04** - Danny Ndhlo pensando sobre os jovens que compunham as *tsotsis*

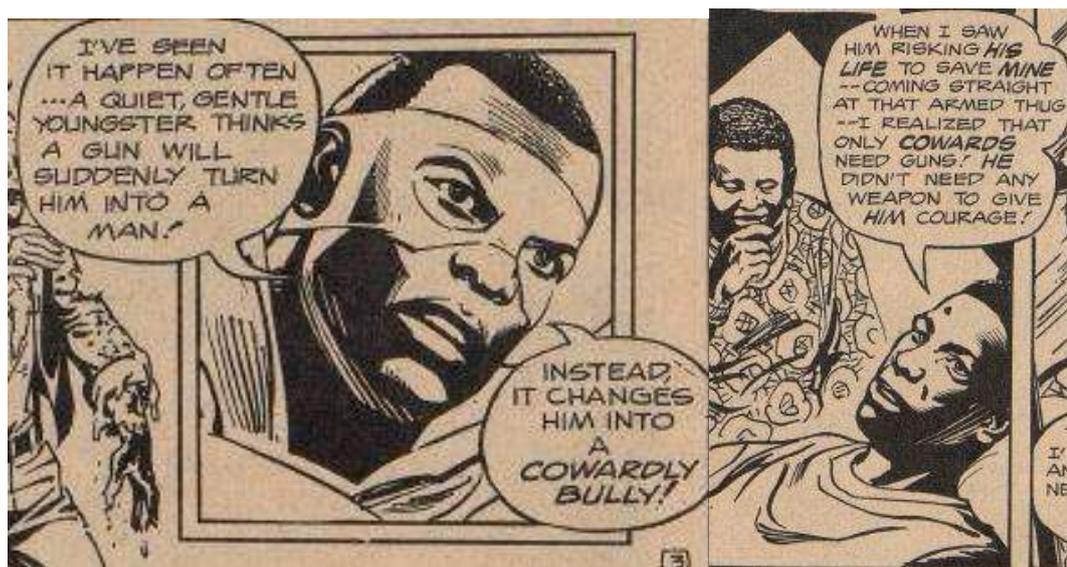
---

18 "Characteristically, they [the whites] owned cars and lived in substantial houses or apartments in segregated suburbs, with black servants. The state provided them with excellent public services: schools and hospitals; parks and playing fields; buses and trains; roads, water, electricity, telephones, drainage, and sewerage. (...) Public services for Blacks were characteristically inadequate or nonexistent. In the Homelands, women still walked miles every day to fetch water and firewood; in the towns, people crowded into single-sex compounds, leaky houses, or improvised shacks. Schools, hospitals, and public transport for Blacks were sharply inferior. Electricity, running water, public telephones, sewage systems, parks, and playing fields were rare."



Fonte: *Mighty Man*, 1975, nº 1, p. 5

**Figura 05** - *Mighty Man* se posicionando contra as armas nas townships e influenciando a juventude



Fonte: *Mighty Man*, 1976, nº 8, p. 4 e 25.

Em outro volume, cuja história girava em torno do tráfico de armas, outra crítica foi feita: *Mighty Man* falou sobre como jovens achavam que com uma arma nas mãos se tornariam "homens de verdade", mas isso só expressava sua covardia. O objetivo do discurso é evidenciado no fim dessa mesma edição, quando o garoto flagrado com armas se vê convencido pelo exemplo de *Mighty Man* a abandonar as armas e compreende que a verdadeira expressão da coragem é defender a lei com seus punhos, como faz o herói (Fig. 05).

Uma das coisas que impeliram Dany Ndhlobo a combater o crime, como policial e herói, foi a vontade de impedir que cidadãos honestos e trabalhadores fossem prejudicados. Em

algumas ocasiões, ele agia diretamente salvando famílias de assaltos e sequestros, e demonstrando entender as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores negros do país, como quando deixou dinheiro para um pai que morava com a filha e foi alvejado no braço por um criminoso em fuga; ou como quando passou a perseguir cobradores de dívidas violentos que se valiam de métodos de cobrança ilegais na edição dezessete. Nessa situação, inclusive, o personagem explicou a uma família marcada para ser atacada pelos vilões formas de tentar evitar a contração de dívidas com firmas de crédito suspeitas, e como cobranças legais aconteciam na vida real (Fig. 06).

**Figura 06** - *Mighty Man* solucionando problemas financeiros das famílias negras das *townships*



Fonte: *Mighty Man*, 1976, nº 16, p. 18.

Esses casos demonstram como o herói afirmava-se uma mão amiga aos trabalhadores africanos que se viam em dificuldades. Ao lidar com traficantes de drogas, também havia uma curiosa retórica em jogo: nas revistas de *Mighty Man*, o traficante é colocado no lugar de vilão, enquanto o usuário é encarado como vítima de uma vida sofrida, ludibriado pelos traficantes que ofereceram drogas como solução de seus problemas, e que precisariam de tratamento médico para se curar (Fig. 07). A ironia aqui está no fato de que a legislação antidrogas na África do Sul passou por severos endurecimentos ao longo da década de 1970, e o uso de drogas era punido com prisão, sem qualquer garantia legal de tratamento médico. O argumento apresentado no quadrinho, todavia, se encontra com o ponto de partida dessa legislação ao definir usuários de drogas como pessoas que se viam obrigadas a cometer atos criminosos para sustentar seu vício, e é essa compreensão do uso de drogas ilícitas como porta de entrada para uma vida de crimes que embasou a construção de uma política sobre drogas voltada para a criminalização do uso e encarceramento de usuários (DROGIN, 1994; SHELLY, 2016).

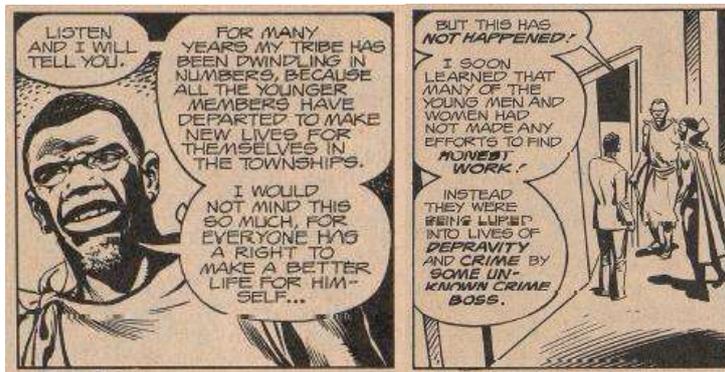
**Figura 07** - Danny expondo seu pensamento sobre dependentes químicos



Fonte: *Mighty Man*, 1977, nº 17, p. 8.

O abuso de drogas também foi apresentado na série como uma consequência do desajuste social dos jovens negros. Em uma das edições, a história girava em torno de Chefe Maleho Malapane, líder de um dos bantustões que chegava à *township* em busca de seu filho desaparecido. Lá, o velho guerreiro disse a *Mighty Man* e ao chefe de polícia que havia alguns anos que seu povo enfrentava uma grande debandada de jovens em direção às *townships*, almejando construir para si uma vida melhor. Pouco tempo antes, entretanto, o Chefe havia descoberto que a maior parte desses jovens não “se esforçava” para buscar trabalho honesto, e, em vez disso, se entregava a vidas de “depravação e crime” (Fig. 08). Ao longo da história, Chefe Maleho construiu um centro comunitário para recuperação dos jovens originários dos bantustões que haviam sido corrompidos pelo crime das *townships*. Descobriu também que seu filho desaparecido, Salomon, era o grande chefe criminoso a recrutar aqueles jovens e iniciou uma guerra contra as gangues. No fim, Salomon arrependeu-se e juntou-se a seu pai na luta; a história termina dando a entender que todos do centro comunitário retornariam ao seu bantustão de origem.

**Figura 08** - Chefe Maleho e o problema do êxodo de jovens dos bantustões



Fonte: *Mighty Man*, 1976, nº 15, p. 5

Figura 09 - *Mighty Man* apoiando a autodeterminação dos bantustões



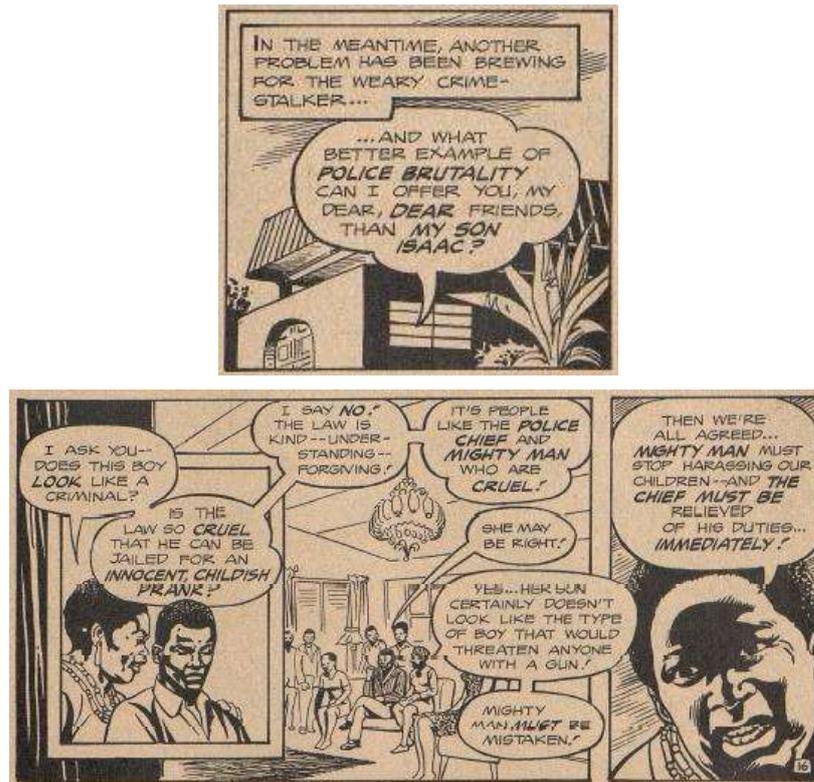
Fonte: *Mighty Man*, 1976, nº 15, p. 9.

Há também uma afirmação da soberania dos bantustões. Nesse mesmo volume, apareceu uma rara discussão entre *Mighty Man* e o chefe de polícia (Fig. 09). O policial alertou Chefe Maleho a não infringir leis em sua busca por justiça; caso contrário, a polícia teria que agir contra ele. O líder recusou-se a aceitar os limites da lei, e *Mighty Man* concordou com o velho chefe. Depois, quando Salomon juntou-se à luta de Chefe Maleho contra os criminosos e pensou que seria entregue à polícia por seus crimes, foi surpreendido pela postura do herói, que, além de reconhecer sua redenção, defendeu que sua punição fosse decidida pelo próprio Chefe Maleho, de acordo com a tradição de seu povo. Ao defender que "cabe ao povo decidir sua justiça, não à

polícia", o super-herói corroborava a raiz conceitual do regime de *apartheid* como foi estabelecido em 1948: a ideia de que as raças deviam estar separadas a fim de que suas tradições fossem preservadas.

Esta história apresenta um curioso contraste: as *townships* seriam o lugar da corrupção, enquanto os bantustões estariam voltados à pureza e honestidade. Esse argumento é conveniente à política de expansão dos bantustões e aceleração de sua independência, capitaneada pelo governo de Vorster desde a previsão do demógrafo J. L. Sadie, em 1974, de que a evolução demográfica da África do Sul apontava para um futuro encolhimento da população branca. A partir de então, o governo africânder aumentou o número de remoções forçadas e limpezas étnicas, acelerando o desenvolvimento de propostas que visavam retirar da maior parte da população negra a nacionalidade sul-africana (DUBOW, 2014). O projeto era enclausurar as populações negras nos bantustões, incentivar sua independência política e garantir as subserviências através da dependência econômica. Dessa forma, a mão de obra dos povos nativos continuaria disponível e barata para os empreendimentos nessa futura África do Sul branca, mas o Estado sul-africano não teria quaisquer obrigações com esses trabalhadores, uma vez que seriam encarados como cidadãos estrangeiros.

Além de servir de plataforma impulsionadora desse projeto de embranquecimento forçado da África do Sul, a revista endossava táticas de blindagem do regime. Na edição de número oito, *Mighty Man* via-se às voltas com a proliferação de armas de fogo nas *townships*, e precisou intervir em uma discussão entre dois jovens amigos quando um deles puxou uma arma de fogo. Esse jovem armado era Isaac Selepe, filho de Dorah Selepe, uma influente líder comunitária da região. *Mighty Man* tomou a arma de Isaac e o entregou à polícia, que se recusava a libertá-lo quando sua mãe compareceu à delegacia. Dali em diante, Dorah utilizou sua influência política para orquestrar uma campanha de difamação contra *Mighty Man* e o chefe de polícia, alegando que seu filho estava sendo mantido preso por pura demonstração de brutalidade policial (Fig. 10). Nessa edição, a revista de uma vez só sustentava dois argumentos favoráveis ao regime: a defesa do desarmamento nas *townships* e um ataque às denúncias da brutalidade policial direcionada às populações negras no país, tratando-as como retórica oportunista de quem é conivente com o crime em uma busca pessoal por privilégios.

**Figura 10 - Dorah Selepe e as denúncias de brutalidade policial como farsa**

Fonte: *Mighty Man*, 1976, nº 8, p. 14 e 17

**Figura 11 - Os agentes externos como inimigos possíveis**

Fonte: *Mighty Man*, 1976, nº 13, p. 7.

No que tange à política externa do regime de *apartheid*, em dois momentos a revista lançou mão diretamente de argumentos que estavam na própria base da campanha de propaganda pró-*apartheid* integrada por ela. Na edição treze, um recipiente contendo bactérias letais foi roubado do laboratório de um cientista. A primeira hipótese do cientista é a de que "sinistros agentes estrangeiros" estivessem envolvidos no furto (Fig. 11). Ainda que, com o desenrolar da história, tenha se mostrado que o recipiente na verdade havia sido roubado por um criminoso local com delírios de grandeza, o fato dessa hipótese ter sido levantada é em si uma forma de

corroborar a ideia de que a África do Sul era um país cercado por inimigos, correndo o risco de sofrer interferência estrangeira a qualquer momento - exatamente o "ataque total", que em sua forma midiática era combatido publicamente pelo governo de Vorster, principalmente através do Departamento de Informação de Mulder e Rhodie, e do Gabinete de Segurança de Estado, o Gabinete de Segurança de Estado, de Hendrik Van Der Bergh.

O anticomunismo deu suas caras na última edição da revista. Diante do aumento exponencial do consumo de maconha na *township*, *Mighty Man* resolveu ir diretamente atrás de cada traficante e dar fim ao seu estoque. Isso fez com que o grande fornecedor de todos os traficantes, que sempre fez quem estivesse perto de denunciá-lo aparecer enforcado, se revelasse: o Enforcador, grande responsável pela maconha em circulação na *township*, era um comunista, cuja indumentária militar parecia uma referência ao uniforme do *Umkhonto we Sizwe*, braço armado do Congresso Nacional Africano, acrescido de uma gravata. No fim da edição, quando o Enforcador cercou *Mighty Man* em um galpão abandonado com seus homens armados, o herói jogou do alto do prédio todo o dinheiro que apreendera dos traficantes, atraindo toda a população da *township*. Em sua cena final, o comunista agrediu um velhinho para impedir que ele pegasse parte do seu dinheiro que *Mighty Man* havia jogado do alto do galpão, deixando bem nítido seus traços de vilania - o comunista ganancioso, que propagava o vício em drogas em uma comunidade pobre a fim de lucrar e que não se furtava de agredir velhinhos quando necessário. Por fim, o vilão foi enforcado pela população na corda que havia preparado para matar *Mighty Man*. O herói sintetizou sua leitura sobre ele: sofreu exatamente como fazia suas vítimas sofrerem; e buscou isso para si quando atacou as fraquezas das pessoas, sem contar que, no fim, a população da *township* mostraria a ele sua verdadeira força (Fig. 12).

Diante de todas essas premissas políticas em que se baseiam as aventuras do super-herói, a publicação pode ser acusada de tudo, menos de não ter tentado influenciar a juventude negra das *townships*. Os resultados dessa peça de propaganda em particular, entretanto, são difíceis de avaliar. No seu texto complementar da revista *Southern Africa*, Steve Weissman reproduziu o que seria uma citação de Richard Manville, o consultor de marketing nova-iorquino que fez parte da elaboração da revista:

Mas mesmo com o dínamo de reforço da lei se engajando em aventuras de pirar a cabeça, os agitadores lá fora animaram o povo simples de Soweto a se levantar - WHAM! CRASH! THUD! 'Eles queimaram as bancas de revista', reclama (...) Richard Manville. 'Eles jogaram as coisas no chão, e nós tivemos que parar de publicar' (WEISSMAN, 1978, p. 3).<sup>19</sup>

O texto de Weissman atribui o fim da circulação da revista ao Levante de Soweto. O autor chega a afirmar que isso seria resultado da ação de pessoas que "olharam além das figuras coloridas e encontraram a mensagem feia, que pregava algo bem aquém do *black power*" (Idem).

20

**Figura 12** - O vilão comunista e seu fim pelas mãos do povo



Fonte: *Mighty Man*, 1977, nº 17, p. 18 e 27.

A suposição de Weissman carece de comprovação, pois há poucos dados disponíveis sobre a circulação da revista. Para se ter ideia, em 1978 Weissman afirmava que a tiragem de *Mighty Man* era de 75.000 impressões por edição; seis anos depois, em *"The Real Information Scandal"*, Eschel Rhodie afirmou que foram produzidas 47.000 cópias de cada número da série. A discrepância entre os números é grande, mas a revelada por Rhodie parece mais aproximada, visto que publicou tal estimativa anos após o fim das investigações sobre a campanha secreta de propaganda que conduziu a partir do Departamento de Informação para elaboração do relatório final, a comissão de inquérito teve acesso às planilhas da Xanap, gráfica estabelecida por Van Zyl e McGoff para impressão das revistas da *Afri-Comics*. O número citado por Weissman, provavelmente mencionado a ele por Manville, tende a ser distorcido, como foi feito com outras publicações que fizeram parte da campanha de propaganda do departamento.<sup>21</sup>

19 "But even as the law enforcing dynamo was engaging in his mind-bending adventures, the outside agitators stirred up the simple folk of Soweto to riot-WHAM! CRASH! THUD! 'They burned down the newsstands', complains (...) Richard Manville. 'The threw the things on the ground, and we had to stop publishing them'."

20 "Some people looked past the brightly colored figures and found an ugly message. The new black comic strips preached something less than black power."

21 O relatório final da comissão, publicado em 1979, traz dezenas de documentos anexos. O texto do relatório em si não menciona a quantidade de impressões contratada pelo Departamento de Informação, mas tampouco menciona que essa quantidade tenha sido adulterada por quaisquer mecanismos, como chega a fazer ao falar sobre a *To The Point*, cuja maioria das assinaturas estrangeiras eram referentes a embaixadas sul-africanas e postos de empresas parceiras da campanha de propaganda do governo. Não tive acesso a todos os documentos e por isso não pude

Não é possível, portanto, saber o quanto a revista foi lida, apesar de ter havido condições para que isso acontecesse. Em "*The Press and The Apartheid*" ("A imprensa e o Apartheid", em português), Hachten e Giffard notaram que o único grupo que passou a ler mais jornais em inglês entre 1975 e 1980 foi aquele composto pelos povos nativos - de 16%, negros passaram a ser 38% dos leitores dos jornais em língua inglesa, cinco anos depois. Esses dados reforçam o salto no letramento da população negra em inglês, que passou de 38%, segundo o censo de 1970, para 51%, no censo de 1980. O cenário para penetração de um quadrinho em língua inglesa que apresentasse um herói negro estava dado.

A crescente alfabetização, acompanhada pelo aumento de sua participação no mercado consumidor de impressos em inglês, não são os únicos elementos a serem levados em consideração para pensar a verossimilhança da leitura de Weissman. Apesar de não haver dados que permitam rastrear exatamente a leitura da revista, há evidências de que houve um esforço de divulgação. Bill Mantlo, quadrinista americano, relata em texto ter visto divulgação da revista em paredes e muros quando visitou Johannesburgo, no início de 1978; no filme de comédia *Inyakanyaka*, dirigido por Simon Sabela em 1977, a primeira cena apresenta os protagonistas pintando anúncios da revista *Mighty Man* no baú de transporte de um caminhão. Delineia-se a situação: a juventude negra das *townships* estava cada vez mais letrada em inglês, pelo menos nas *townships* que constituem a grande Soweto ao redor de Johannesburgo; e havia anúncios da revista espalhados pelas suas vizinhanças. Mas, estaria essa juventude interessada em histórias em quadrinhos de super-heróis? William Worger, professor do Departamento de História da Universidade Católica de Los Angeles, tem se debruçado sobre a *Afri-Comics*, e, em recente entrevista, compartilhou um relato curioso:

Conversei com um amigo envolvido no Levante de Soweto, que devia ter em torno de 13 anos de idade na época, exatamente o público-alvo, e perguntei se ele sabia algo sobre as revistas, ao que sua resposta foi "não, eu estava lendo os jornais!". Essa é uma resposta que claramente indica, em parte, o quão desinteressante esses quadrinhos podem ter sido para jovens politicamente engajados (WORGER, 2018, s/p).<sup>22</sup>

O que a situação relatada pelo professor Worger aponta é que o momento político da África do Sul em meados da década de 1970, e a crescente politização da juventude negra em oposição ao regime de *apartheid* pode ter achatado o público real da revista, se cada vez mais

---

analisar tal planilha, mas o contexto de publicização dos documentos, anos antes, pode ter estimulado Rhodie a citar cifras reais ou próximas do real no seu livro.

22 "I talked to a friend of mine involved in the Soweto Uprising, who would have been about 13 at the time, part of the target audience, and I asked him if he knew anything about them, and his response was 'No, I was reading newspapers!'. This is of course, in part, a response that indicates how uninteresting these comics would have been for a politically engaged young person."

adolescentes se interessavam por política e priorizavam a leitura de jornais em detrimento de quadrinhos, menor o apelo de *Mighty Man* e menor também a eficácia dessa ação de propaganda.

Segundo Leonard Thompson, o panorama político que levava adolescentes como o colega de Worger a não se sentirem atraídos por quadrinhos era formado por três fatores principais, que se somariam para fazer emergir o Levante de Soweto em 1976: um "vigoroso" movimento de artistas, através de revistas, livros, peças teatrais e músicas incitando a reflexão sobre a condição da população negra no país; o aumento de trabalhadores negros em postos de trabalho precários e mal remunerados, causado pelo rápido crescimento econômico que o país experimentou; a penetração do Movimento da Consciência Negra nas camadas mais jovens, em particular nas escolas urbanas, principalmente a partir da *SASO* (Organização dos Estudantes Sul-africanos, em tradução livre). Chama atenção a característica reativa desses processos - os artistas reagiam à censura que a expressão cultural negra sofreu nos anos de 1950 e 1960, que levou ao exílio uma geração inteira de artistas, como o sexteto de jazz *The Blue Notes*, o escritor Nathaniel Nakasa, a cantora Miriam Makeba, o fotógrafo Ernest Cole e vários outros; os trabalhadores negros, por sua vez, respondiam ao poder de barganha adquirido diante da necessidade de aumentar a produção do país às custas do aumento da exploração mão de obra; e o sucesso do movimento da Consciência Negra tinha a ver com seus pressupostos, entendendo que a luta partia "do reconhecimento de que a mudança fundamental só podia vir contrariando a traiçoeira influência da ideologia do *apartheid* sobre o próprio povo negro", incitando reações às táticas de humilhação e desumanização enquanto restaurava a dignidade e a potência da população negra, despertando a "consciência negra" que dá nome ao movimento (DUBOW, 2014).

O que torna a leitura de Weissman ainda mais verossímil é que a última edição de *Mighty Man* publicada foi exatamente a que apresentava o Enforcador como vilão – o vilão comunista cujo uniforme militar remetia diretamente a um braço da principal organização política *antiapartheid* do país, o Congresso Nacional Africano. Faz muito sentido que em 1977, ao longo das manifestações que não se limitaram ao mês de junho de 1976, grupos alinhados a esse Congresso Nacional Africano tenham se voltado diretamente contra o quadrinho que pintava a organização como antro de criminosos inescrupulosos, responsáveis pelo tráfico de drogas nas *townships* e insensíveis ao sofrimento dos habitantes dessas vizinhanças.

Contudo, o fim da publicação em 1977 pode não ter sido resultado de uma demonstração específica contra *Mighty Man*, mas de uma mudança de postura do próprio governo. Diante do tamanho adquirido pelo Levante de Soweto, esse projeto de propaganda em particular pode ter sido abortado pelo motivo prático de não ter prevenido a insurreição dos jovens que a revista buscava atingir. A ausência de dados mais específicos sobre a circulação da revista (locais de

venda, existência ou não de distribuição escolar, ou de envio de edições às missões cristãs de alfabetização que existiam no país, por exemplo) impede qualquer conclusão, mas o cancelamento leva a crer que ela entra no pedaço da campanha de propaganda pró-apartheid que veículos internacionais consideraram "cru, pouco convincente e até mesmo risível", conforme apurou Johann Obermeyer em sua dissertação de mestrado sobre os esforços de propaganda do governo entre 1960 e 1980 (OBERMEYER, 2016). Ela buscava incentivar adolescentes a obedecer a lei e preservar a ordem em um contexto de iminente ebulição social. Não funcionou □ o que não quer dizer que outras peças de propaganda concebidas dentro da mesma campanha não tenham tido melhor sorte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOOMBERG, C. **Christian Nationalism and the Rise of the Afrikaner Broederbond, in South Africa, 1918-1948**. Londres: Macmillan, 1990

BOUHOT, P. **Freedom of Expression Under Apartheid**. 2009. 82 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculty of Law, University of the Western Cape. Disponível em: <<https://etd.uwc.ac.za/handle/11394/2033>>. Acesso em: 27 set. 2019.

COSTA, I. C. G. **Defender-se na memória: estratégias e significados em narrativas de combatentes sul-africanos brancos que lutaram em Namíbia e Angola**. 2015, 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) - Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia.

DANIEL, J. Racism, the Cold War and South Africa's regional security strategies, 1948-1990. In: ONSLOW, S. (Org.). **Cold War in Southern Africa – White Power, Black Liberation**. Londres: Routledge, 2009.

DUBOW, S. **Apartheid, 1948-1994**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

DROGIN, R. Inauguration Draws World to South Africa. **Los Angeles Times**, 9. mai. 1994. Disponível em: <<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1994-05-09-mn-55634-story.html>>. Acesso em: 27. set. 2019.

GLASER, C. "We Must Infiltrate the Tsotsis": school politics and youth gangs in Soweto, 1968-1975. **Journal of Southern African Studies**, v. 24, n. 2, jun. 1998, p. 301-323.

HACHTEN, W. A.; GIFFARD, C. A. **The Press and Apartheid: Repression and Propaganda in South Africa**. Basinstoke: Palgrave, 1984.

MILLER, J. **The Black Hole of Apartheid History**. Imperial & Global Forum, Exeter, dez. 2013. Disponível em: <<https://imperialglobalexeter.com/2013/12/12/the-black-hole-of-apartheid-history/>>. Acesso em 05 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. **An African Volk: the apartheid Regime and its search for survival**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2016.

PALEKER, G. The B-Scheme subsidy and the "black film industry" in apartheid South Africa, 1972-1990. In: **Journal of African Cultural Studies**, v. 22, n. 1, 2010, p. 91-104.

RHOODIE, E. M. **The Real Information Scandal**. Nova York: Orbis, 1983.

\_\_\_\_\_. **The Paper Curtain**. Joanesburgo: Voortrekkerpers, 1969

REES, M.; DAY, C. **Muldergate: The story of the information scandal**. Joanesburgo: Macmillan, 1980.

SANDERS, J. **A Struggle For Representation: the international media treatment of South Africa, 1972-1979**. Tese (Doutorado em Estudos Africanos e Orientais) – University of London, 1997. Disponível em: <<https://eprints.soas.ac.uk/28509/>>. Acesso em 29 mai. 2019.

SHELLY, S. **South Africa Is Still Fighting an Apartheid-Like Drug War**. Open Society Foundation, Voices, 9. mar. 2016. Disponível em: <<https://www.opensocietyfoundations.org/voices/south-africa-still-fighting-apartheid-drug-war>>. Acesso em: 27. set. 2019.

SOUTH AFRICA'S CENSORSHIP LAWS. In: **Index on Censorship**, v. 4, n. 2, 1975, p. 38-40. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1080/03064227508532421#articleCitationDownloadContainer>>. Acesso em: 27 set. 2019.

THE S.A. BROEDERBOND. In: **Patterns of Prejudice**, v. 6, n. 6, p. 17 – 19, 1972.

THOMPSON, L. M. **A History of South Africa**. New Haven: Yale University Press, 2001.

TOWNSHIP. In: **Wikipedia**. Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Township\\_\(South\\_Africa\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Township_(South_Africa))>. Acesso em: 27 set. 2019.

VAN DER RIET, G. **South African Comic Books**. Disponível em: <<http://southafricancomicbooks.blogspot.com/>>. Acesso em 27 set. 2019.

VAN WYK, A. The USA and apartheid South Africa's nuclear aspirations. In: ONSLOW, S. (Org.) **Cold War in Southern Africa** – White Power, Black Liberation. Londres: Routledge, 2009.

WEISSMAN, S. American Publisher Peddles South Africa. In: **Southern Africa**, New York, v. 11, n. 1, jan-fev., p. 2-4, 1978.

## DOCUMENTOS

MIGHTY MAN. Pretoria: Afri-Comics, 1975-1977. Disponível em: <<https://idep.library.ucla.edu/afri-comics>>. Acesso em: 14. Fev. 2021.

Recebido em: 08/03/2021

Aprovado em: 27/05/2021